



Teses para o Novo Movimento Estudantil

**NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL
POPULAR REVOLUCIONÁRIO**

NEGOCIAÇÃO
PARALELA ESTUDANTE
NÃO TOLERA! **NOVO MEPR**

Teses para o Novo Movimento Estudantil

1 – Movimento estudantil deve ser não apenas um organismo de resistência econômica e política, mas também, no plano ideológico, uma “escola de comunismo” (ver tese de Lênin sobre o papel dos sindicatos, extensiva ao movimento de massas em geral).

2 – Sobre o papel da juventude estudantil na sociedade:

a) Travar a luta prática em defesa dos direitos do povo (defesa da qual os próprios interesses específicos dos estudantes são uma parte);

b) Defender a ciência e a cultura em geral e o marxismo como concepção mais revolucionária e mais científica do mundo em particular. Dentro disso, o papel da luta de ideias, da comunicação e dos intelectuais públicos.



3 – Necessidade de romper radicalmente com o reformismo economicista, de um lado, e o doutrinaramismo vanguardista, de outro. Ambos são idênticos, pois negam o papel das massas na revolução e a hegemonia do proletariado, o primeiro, por se restringir ao “possibilismo” (só fazer o que é palpável no curto prazo), colocando-se do ponto de vista atrasado; o segundo, porque substitui a ação das massas pela ação de um punhado de devotos, razão pela qual pratica um estreito exclusivismo na relação com elas. (1)

4 – Em decorrência do ponto anterior: romper com o espírito de seita e com a despolitização da luta ideológica (ou seja, sua redução a uma espécie de batalha moral). A política deve estar no centro da construção, bem como da agitação e propaganda. Rechaçar os três maus estilos apontados pelo Presidente Mao: o subjetivismo no estudo, o sectarismo nas relações internas e externas e o estilo de clichê no trabalho de propaganda.

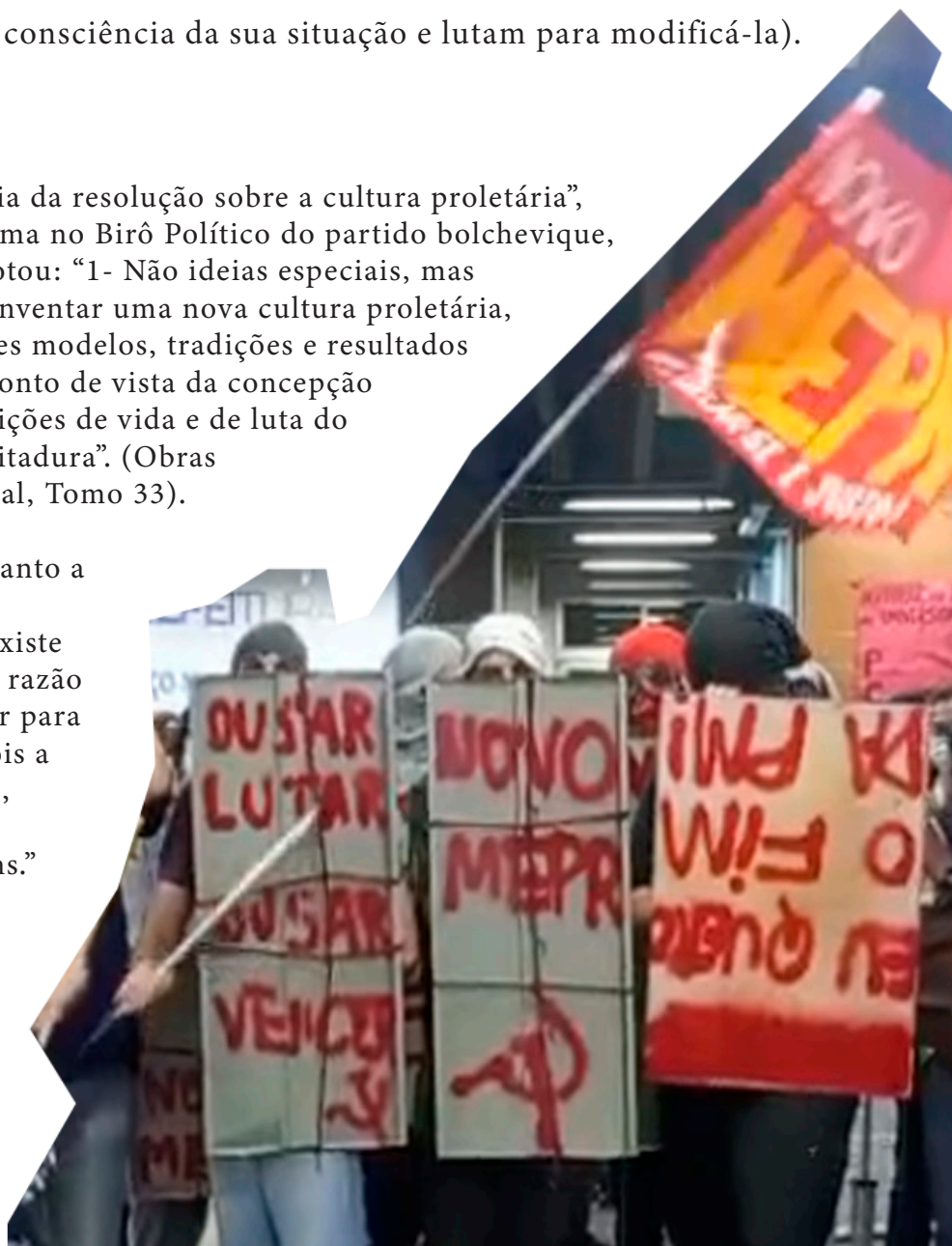
5 – Na luta de ideias, partir do nível de consciência das massas, e não da imposição de frases feitas. Traçar uma linha entre correto e errôneo, marxismo e revisionismo e buscar incessantemente a verdade através da atividade revolucionária prática. Intervir ativamente em todos os lugares onde haja massas, e não através de organizações paralelas artificiais. Aplicar os ensinamentos do Presidente Mao para a luta ideológica: “Que se abram cem flores e se rivalizem cem escolas de pensamento”, e “O marxismo não teme a crítica, porque não pode ser derrotado por ela”.

1. Na sua obra “Que fazer?”, V.I. Lênin estabelece nestes termos a identidade – que, à primeira vista, parece paradoxal, entre economicistas e terroristas: “Isto mostra precisamente que tanto os terroristas como os ‘economistas’ **subestimam** a atividade revolucionária das massas... e uns lançam-se à procura de ‘excitantes artificiais’, outros falam de ‘reivindicações concretas’. Nem uns nem outros prestam suficiente atenção ao desenvolvimento **da sua própria atividade** em matéria de agitação política e de organização de denúncias políticas. E nem agora, nem em qualquer outro momento, existe algo que possa **substituir** esta atividade”.

6 – Sobre a nova cultura: rechaçar a ideia de que possa existir uma cultura proletária “pura” (Lênin, crítica ao Proletkult (2)). Papel da investigação e da experimentação, tanto na política quanto nas manifestações artísticas (a rigor, “cultura” é um conceito mais amplo, que abrange tanto uma como a outra). A cultura não é apenas “reflexo”, ela é constituinte da realidade, na medida em que “a linguagem é a consciência prática” (Marx e Engels) (3). Ressaltar, portanto, o seu caráter ativo na formação de uma sólida consciência de classe. Sobre o realismo em arte, distinguir o mau realismo (seja o conservador burguês, que eterniza a sociedade capitalista e infunde pessimismo e ceticismo; seja o do idealista pequeno-burguês que reduz as manifestações artísticas à mero “cartaz e palavra-de-order” sem os vincular à vida cotidiana das massas, o que inclui as dificuldades e o sentido contraditório do seu processo de socialização – ambos “realismos”, embora por caminhos aparentemente opostos, recaem em mistificação) do bom realismo em arte (que associa de modo concreto a denúncia e as infâmias no presente com seu devir histórico, ou seja, o processo através do qual os oprimidos tomam consciência da sua situação e lutam para modificá-la).

2. Assim, por exemplo, no “Guia da resolução sobre a cultura proletária”, escrito durante discussão do tema no Birô Político do partido bolchevique, em outubro de 1920, Lênin anotou: “1- Não ideias especiais, mas marxismo. 2- Não se trata de inventar uma nova cultura proletária, mas de **desenvolver** os melhores modelos, tradições e resultados da cultura **existente**, desde o ponto de vista da concepção marxista do mundo e das condições de vida e de luta do proletariado na época de sua ditadura”. (Obras completas em espanhol, ed. Akal, Tomo 33).

3. “A linguagem é tão antiga quanto a consciência, a linguagem é a consciência prática, tal como existe para outros homens, e por esta razão esta realmente começa a existir para mim pessoalmente também: pois a linguagem, como a consciência, só surge da necessidade de intercâmbio com outros homens.” (Marx e Engels, “A ideologia alemã”, 1846).



7 – Questões de moral e comportamento: não existe uma moral pura nem absoluta (aplicam-se aqui as mesmas indicações a respeito da “cultura proletária”), mas apenas no interior das relações de classe, no seu desenvolvimento histórico concreto. Rechaçar a ideia de que caberá aos homens e mulheres “puros” fazer a revolução.

Fundamentos:

“Na atividade revolucionária, a autotransformação equivale a fazer mudar as circunstâncias” (Marx e Engels, “A ideologia alemã”, 1846).

“Aquele que espera uma revolução social pura jamais chegará a vivê-la e não passa de ser um revolucionário verbal que não entende a verdadeira revolução.” (Lênin, “Balanço sobre a discussão da autodeterminação”, 1916).

Para coibir deturpações e a influência da ideologia burguesa, o remédio não são pregações enfadonhas, mas: a) a ligação com as massas, e b) a crítica e a autocrítica fraterna no interior das organizações revolucionárias.

8 – Sobre as mulheres: Aplicar o princípio de que não há nada que um homem faça que as mulheres não possam fazer. Exortar e incentivar firmemente as companheiras a não apenas ingressar nas fileiras como a assumirem a direção. Na luta contra o machismo, o acento deve ser colocado no encorajamento das mulheres a que critiquem os homens e na disposição dos homens em fazer autocrítica. Pretender restringir a crítica que parte das mulheres, em nome de evitar as influências do feminismo burguês ou pequeno-burguês, é ignorar que este não é o problema nem a tendência principal na sociedade contemporânea – ou seja, o “risco” de que as mulheres sobrepassem – e de fato desencorajar que elas se levantem e se igualem aos homens na direção das organizações revolucionárias. Contra os desvios sectários, basta sublinhar que a luta contra o machismo no seio das organizações populares é uma contradição no seio do povo que se resolve mediante a luta de duas linhas e persuasão, para nada servindo os métodos administrativos.

Para os homens, devem ser firmemente observados os princípios de não interromper as companheiras enquanto falam e de não elevar o tom de voz nas relações com elas, ainda que sejam (e talvez sobretudo se sejam) seus dirigentes, salvaguardadas as notórias exceções de uma emergência, o curso de um confronto etc.

9 – Sobre a questão LGBTQ+: Rechaço a qualquer forma de discriminação no seio do povo – no nosso meio, devemos discernir apenas o certo do errado e praticar a crítica e a autocrítica. Já Lênin sublinhava que a única discriminação que o proletariado tolera é a de classe (4). Tais divisões são armas do imperialismo para insuflar o militarismo reacionário e o ódio aos oprimidos. Por outro lado, não podemos tolerar qualquer concessão idealista à nossa concepção materialista da história – que ressalta a luta de classes como motor da história e conseqüente luta pela abolição violenta da ordem social existente e sua substituição pelo socialismo – em favor de pautas identitárias que visam apenas se integrar, ainda que subalternamente, à ditadura da burguesia.

10 – Sobre a questão negra no País, os séculos de escravização deixaram profundas marcas, econômicas, políticas e culturais em nossa sociedade. Diante do tráfico, das torturas e da exploração mais cruel, a população preta jamais deixou de lutar, contra os portugueses inicialmente e contra o império escravista, depois. Após a abolição, esta população passou a se constituir como o principal veio de formação do proletariado brasileiro, sendo oprimida pela “escravidão assalariada” nas cidades e por todo tipo de relações pré-capitalistas no campo. Em cada camburão se perpetuam as senzalas; no fundo das favelas, os velhos engenhos. Essa a base histórica do racismo, constituinte da sociedade brasileira. Sua fúria histórica precisa ser mobilizada pela Revolução de Nova Democracia. Também devemos destacar as rebeliões dos povos indígenas, os quais, atualmente, enfrentam de armas nas mãos as hordas latifundiárias em defesa dos seus territórios. Estas, precisam ser compre-

4. V.I. Lênin, em “Sobre a atitude do partido operário em relação à religião”, de 1909, argumenta de modo simples que há burgueses ateus e operários cristãos, de modo que colocar uma ênfase exagerada na pregação ateuista – como querem, por exemplo, os anarquistas – levaria a confundir as divisões de classe.

endidas em toda complexidade de sua posição histórica, como amálgama da questão de classe e de nação, e não somente como “camponeses que falam outras línguas”.

11 – Sobre o amor e os relacionamentos, partir do que dizem os clássicos em geral, e o Presidente Mao em particular, de que não existe amor acima das classes, de que em nossa sociedade tudo possui um selo de classe. Cada classe luta, e ama, a seu modo. Para além das questões mais gerais, tomar as indicações da camarada A. Kolontai sobre o “amor camaradagem” (5), que deve ser visto como um esforço sério de uma dirigente comunista para se deter sobre tema tão complexo. Restringir seu trabalho à justa crítica que Lênin a fez sobre o “copo d’água” seria incorreto, porque esta nunca foi a avaliação de conjunto a seu respeito. O cerne do “amor camaradagem” é que a relação amorosa deve incentivar a participação dos amantes na vida social (mais do que incentivar: potenciar), não restringi-la.

5. “Para o sucesso das tarefas do proletariado é indiferente que o amor tome a forma de uma união estável ou que não tenha mais importância que uma união passageira.

A ideologia da classe operária não pode fixar limites formais ao amor. (...) O que lhe interessa é que, em todas as manifestações e sentimentos de amor, existam os elementos psíquicos que desenvolvem o sentimento de camaradagem.

O ideal de amor-camaradagem, forjado pela ideologia proletária para substituir o absorvente e exclusivo amor conjugal da moral burguesa, está fundado no reconhecimento dos direitos recíprocos na arte de saber respeitar, inclusive no amor, a personalidade do outro, num firme apoio mútuo e na



12 – O centro da crítica ao pós-modernismo é o seu caráter de conformismo político: abandona a ideia de transformação histórica. No campo filosófico, é idealismo; individualismo cego. Não opor a ele um materialismo mecanicista, que nega o papel ativo dos sujeitos, mas, pelo contrário, enfatizar o caráter dialético (i.e. contraditório) do processo de conhecimento, que sublinha o caráter histórico da verdade. Lembrar da advertência de Lênin, nos seus estudos sobre Hegel:

“Flexibilidade multilateral, universal, dos conceitos, flexibilidade que vai até a identidade dos contrários – eis o essencial. Essa flexibilidade, aplicada subjetivamente = ecletismo e sofística. A flexibilidade aplicada objetivamente, ou seja, refletindo a multilateralidade do processo material e de sua unidade, é a dialética, é o reflexo correto do desenvolvimento eterno do mundo.” (Lênin, “Cadernos filosóficos”, 1914).

13 – Na atuação acadêmica, buscar vincular-se ao que há de mais avançado em cada campo (ainda que este mais avançado em boa parte não coincida – e raramente coincidirá – integralmente com a visão de mundo marxista-leninista-maoista). Perante elas, não adotar a atitude de rechaçar em bloco nem de aderir em bloco, mas sim a atitude analítica de unidade e luta. (6) Este é um problema não só de não se isolar, a partir de uma correta política de frente, como de conce-

comunidade de aspirações coletivas.” (A. Kolontai, “A nova mulher e a moral sexual”, ed. Expressão Popular, págs. 152-153). Também neste terreno os dogmáticos deturpam o marxismo, ao colocar ênfase unilateral nos relacionamentos estáveis de longo prazo, única meta amorosa considerada legítima a ser buscada por duas pessoas. Aqui, se vê também o rígido formalismo como trata as relações humanas. Sua consequência prática é o restabelecimento do culto ao matrimônio, colocando às mulheres revolucionárias a escolha entre o casamento e a maternidade (o que acaba por, em alguma medida, alijá-las da plena participação política, pois é comum que em nome das “nobres” e sempre prementes “tarefas revolucionárias” os quadros homens deixem a seu encargo a esmagadora maioria das tarefas domésticas) ou o estrito celibato, uma vez que qualquer situação intermediária é malvista, tratada como “degenerada” etc.

6. “A unidade, a coesão, a união, a harmonia, a equipolência, a estabilidade, a estagnação, o repouso, a continuidade, o equilíbrio, a condensação, a atracção, etc, que observamos na vida quotidiana, são as manifestações dos fenômenos que se encontram no estado das modificações quantitativas, enquanto que a ruptura da unidade, a destruição desses estados de coesão, união, harmonia, equipolência, estabilidade, estagnação, repouso, continuidade, equilíbrio, condensação, atracção, etc, e a passagem respectiva aos estados opostos, são as manifestações dos fenômenos que se encontram no estado das

ber que a verdade em geral e o marxismo em particular só se podem desenvolver em contato com as correntes do seu tempo. Este era o estilo de trabalho dos clássicos. A respeito, por exemplo, das correspondências de Marx e Engels, Lênin dizia:

“Outras passagens das cartas particularmente interessantes no aspecto teórico são a apreciação por Marx de diferentes escritores. Quando lemos estas referências de Marx, escritas de modo vivo, plenas de paixão, reveladoras do interesse profundo por todas as grandes correntes ideológicas e pela sua análise sentimo-nos como que ouvindo as palavras do genial pensador.” (V.I. Lênin, “Prefácio à tradução russa das cartas de Marx a Kugelmann”, 1907).

Lembrar do aforismo predileto de Marx: “Nada do que é humano me é estranho” e do que o Presidente Mao dizia, de que só ler textos marxistas não é uma atitude marxista.

14 – Sobre o estudo em geral, notadamente o político, frisar que o marxismo não é um dogma, mas um guia para a ação. Não tomar os textos clássicos como um crente toma as sagradas escrituras, mas, de acordo com o ensinado pelo Presidente Mao, buscar tomar a sua posição, ponto de vista e método, aplicando-os aos problemas concretos. Tampouco há “temas marxistas” e temas “não-marxistas”: o materialismo histórico e dialético pode ser empregado no estudo de qualquer fenômeno, mesmo aqueles que à primeira vista pareçam mais afastados da política prática.

modificações qualitativas, quer dizer, que se transformam passando dum processo a outro. Os fenômenos transformam-se continuamente passando do primeiro ao segundo estado, e a luta dos contrários, que prossegue nos dois estados, desemboca na solução da contradição, no segundo. Eis a razão por que a unidade dos contrários é condicionada, passageira, relativa, enquanto que a luta dos contrários que se excluem mutuamente é absoluta.”

(Sobre a Contradição, Presidente Mao, 1937)



15 - A juventude deve estudar de modo consciencioso o marxismo-leninismo-maoismo, destacadamente os escritos dos seus clássicos – que chegaram a sê-lo precisamente pela sua profunda comprovação na prática. Resumir a formação política da militância ao estudo de declarações é um empobrecimento da sua educação e mesmo franco obscurantismo. O marxismo não teme a crítica, porque não pode ser derrotado por ela; nem pode florescer em estufa.

16 - No caso do movimento estudantil secundarista em particular: a ele se aplica tudo o que se disse acima sobre a luta das ideias, naturalmente de acordo com as formas específicas. Não desprezar o papel da luta teórica e política no seu meio. Acrescentar a isso a importância das organizações educacionais e culturais no seu meio, cuja construção deve ser tomada de modo inseparável, desde o princípio, da luta reivindicativa e política. Sobre a particularidade da adolescência, é necessário dar um sentido racional e organizado à sua transgressão e contestação do mundo, e de maneira alguma infantilizar ou tratar aos companheiros/as como “meninos/as”.

17 - A violência revolucionária é uma lei para a transformação da sociedade capitalista em socialista, sem nenhuma exceção. A via parlamentar e a crença na democracia burguesa são poeiras nos olhos da juventude com que os dirigentes revisionistas buscam iludi-la, ainda que com frases de efeito. Nossa estratégia política é a da Revolução de Nova Democracia, cujo cerne é a aliança operário-camponesa e primeira fase a guerra revolucionária agrária, sob a poderosa consigna de: Terra para quem nela trabalha!

**Teses aprovadas durante o
Encontro Regional Extraordinário (RJ) de
Fundação do Novo MEPR**

